

DEBATES

REVISTA INTER-LEGERE (UFRN) ENTREVISTA: PROFESSOR DANTE HENRIQUE MOURA

Entrevistadoras:

Lenina Lopes Soares Silva³

Eulália Raquel Gusmão Carvalho Neto⁴

Adriana Aparecida de Souza⁵



Professor Dante Henrique Moura é um dos professores brasileiros que mais tem investido em discutir a educação profissional envolta nas políticas públicas educacionais nos últimos anos no Brasil.

A **Revista *Inter-legere*** entrevista o professor Dante nesta edição, fazendo uma tentativa de inserir no âmbito das discussões acerca das políticas sociais e educacionais a relação trabalho e educação como princípio educativo na educação profissional.

O professor Dante Henrique Moura é Técnico em Eletrotécnica pela Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (1979), possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1986) e doutorado em Educação pela Universidade *Complutense* de Madri (2003). É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) desde 1986, onde leciona disciplinas do núcleo de Formação Pedagógica nas licenciaturas oferecidas pela Instituição. Atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação Educação Profissional (PPGEP) na mesma Instituição. Tem experiência na área de administração educacional, sendo que no IFRN já exerceu, dentre outras funções, a de Diretor de

³ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pós-doutora pela Universidade do Minho/Portugal. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

⁵ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005). Atualmente é professora convidada da Universidade Estadual Vale do Acaraú, no curso de Pedagogia.

Recursos Humanos (1991-1995), a de Vice-Diretor Geral (1996-1998) e a de Diretor de Ensino (2004-2005). Coordenou a elaboração de vários projetos institucionais, dentre eles o Redimensionamento do Projeto Político-Pedagógico da Instituição (2004-2006). Participou (2005 a 2007) dos Grupos de Trabalho que elaboraram, no âmbito do MEC, os Documentos Base do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos PROEJA (Ensino Fundamental e Ensino Médio) e do Ensino médio integrado aos cursos técnicos de nível médio. A partir de 2010 passou a integrar o corpo docente do PPGE/UFRRN como professor Colaborador, onde é orientador de mestrado. De 2010 a 2012 coordenou o processo de elaboração da proposta de criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRRN - mestrado acadêmico (PPGEP), o qual foi aprovado pela CAPES em 2012. A partir de 2013 assumiu a coordenação desse Programa. É pesquisador em educação, atuando principalmente em Políticas Educacionais e Trabalho e Educação, com ênfase no campo da educação profissional e em sua integração com a educação básica e com a educação de jovens e adultos. É um dos fundadores do Núcleo de Pesquisa em Educação (NUPED) do IFRRN, sendo atualmente seu coordenador. Também é membro da ANPED (GT Trabalho e Educação) e da ANPAE⁶.

A Revista *Inter-legere* combinou com o professor Dante que seriam cinco perguntas e que ele daria suporte técnico, após a transcrição, informando o que poderia ser publicado, o que foi feito e aceito por ele. A composição da entrevista foi realizada pelas três professoras.

Gostaríamos de esclarecer que, a publicação desta entrevista reveste-se de um significado especial para os envolvidos, tendo em vista que esta edição foi organizada com a participação de dois professores do PPGEP/IFRRN e que da entrevista participaram duas professoras do referido Instituto, o que demonstra o sentido de colaboração desta IES para com este periódico e a UFRRN.

⁶ O endereço eletrônico para acessar o Currículo do entrevistado é o seguinte: <http://lattes.cnpq.br/1720357515433453>

1 - Revista *Inter-legere*: Professor Dante Henrique Moura. Neste início do século XXI, ainda vimos que estão em disputa projetos societários díspares nas sociedades globalizadas em todos os aspectos. Sendo assim, como o trabalho ainda pode ser considerado uma categoria-chave para se analisar as sociedades em termos políticos, econômicos e sociais? Gostaríamos ainda, que o senhor atrelasse à sua resposta uma breve discussão acerca de educação profissional e da relação entre trabalho e educação no Brasil contemporâneo.

D.H.M: O ensino superior em geral forma profissionais que são trabalhadores. Nós temos essa denominação de educação profissional porque assim esta se vincula mais estreitamente, ao trabalho, que como categoria de análise social ainda é para nós a principal, pois sem trabalho não há produção e sem produção não ocorre desenvolvimento nem econômico, nem social, concorda? Na verdade, educação profissional na sociedade em que vivemos é voltada na trajetória acadêmica para a formação do profissional em qualquer área do conhecimento e em qualquer campo de trabalho. Então, se pensarmos em educação formal para formar um determinado tipo de profissional, é sempre o professor que vai formar esse profissional. Então, precisa haver uma coerência entre a proposta de formação desse profissional e a proposta formativa que vai formar o formador do profissional. Nesse sentido, o professor é o elo que tenta estabelecer na prática, a partir de um determinado referencial que não é uma verdade absoluta, mas algo que se coloca para o debate, a mediação entre o trabalho e a educação profissional. Todavia, assumimos que defendemos esse referencial para refletir acerca da educação profissional nas sociedades capitalistas, qual seja, um referencial crítico que ainda acredita que o trabalho é uma das categorias-chave para se discutir com mais profundidade as relações que são estabelecidas entre os homens e o processo de produção nessas sociedades.

Assim, para discutir a relação entre trabalho e educação, partimos de Leandro Konder com suas reflexões por consideramos que elas são extremamente importantes e esclarecedoras dessa relação. Este pensador coloca que “toda sociedade vive porque consome e para consumir tem que produzir e que para produzir tem que ter trabalho”. Desse modo, podemos entender que em sua perspectiva toda sociedade vive porque trabalha e, além disso, toda sociedade vive porque cada geração cuida da formação da geração seguinte trabalhando e consumindo. Nesse sentido, podemos concluir que: Não há sociedade sem trabalho e sem educação. Então, o vínculo entre trabalho e educação,

é intrínseco à sociedade humana, para a produção da existência humana, da vida em sociedade. Contudo, para conduzirmos essas reflexões mais concretamente surge a questão: Qual deve ser a relação entre trabalho e educação nos processos de formação humana?

De uma maneira geral, e em especial dentro do nosso campo de trabalho - a educação profissional, partimos do pressuposto de que existe intrinsecamente uma relação entre trabalho e educação, e que não é possível pensar uma sociedade na qual não haja relação entre trabalho e educação. Isto porque, não existe sociedade sem trabalho e também não existe sociedade sem educação. Agora surge outra questão que é: Como é que essa relação deve aparecer no processo educativo, na escolarização, particularmente no campo da educação profissional? Para orientar nosso diálogo podemos partir do cenário que mostra os projetos societários que estão em disputa, porque o tipo de relação que existe ou deve existir entre trabalho e educação, vai depender dessa disputa nos projetos societários. É o projeto mais hegemônico que vai definir como se dará essa relação, e cabe a nós refletirmos sobre o que queremos? Se é reforçar o projeto hegemônico ou atuar numa perspectiva contra-hegemônica, nos colocando ou não, diante de uma posição favorável a uma sociedade diferente desta na qual vivemos. Dessa forma, uma nova questão se apresenta: Para essa sociedade que desejamos construir qual deve ser a relação entre trabalho e educação? Isto em nosso ponto de vista está diretamente relacionado com a perspectiva de formação dos sujeitos nessa sociedade, e daí partimos para um questionamento indispensável: Qual seria o conteúdo do projeto de educação emancipatória da classe trabalhadora? A partir desse referencial enveredamos pela perspectiva da politecnicidade ou formação integral, omnilateral, trazendo já, no ensino médio a educação profissional. A educação profissional de uma maneira mais geral, mais explícita, de uma maneira bem particular e integrada, considerando as ofertas destinadas aos adolescentes e ao público da educação de jovens e adultos, ambas de forma regular, evitando-se assim, o preconceito existente quanto à visão da educação de jovens e adultos como irregular. Digo isto porque, fazendo um contraponto com a oferta atual a EJA é considerada irregular, e isto, é um preconceito a mais com esses sujeitos da educação de jovens e adultos que já sofreram e sofrem tantos preconceitos. Mas, é assim que é tratada na prática, inclusive, nos próprios documentos legais, o sujeito da EJA é aí mais uma vez objeto de preconceito. Contudo, o que queremos destacar é a formação humana, defendendo-a na perspectiva da emancipação da classe trabalhadora, buscando compreender também como é que é formado o

professor que forma esse sujeito emancipado?, ou qual deve ser o conteúdo da formação desse sujeito? Qual é, qual deve ser, como é que isso vem acontecendo, na perspectiva de como é que esse sujeito vem trabalhando, em que condições ele vem trabalhando; e qual é a possibilidade desse sujeito ser formado numa perspectiva que seja coerente com a formação emancipatória da classe trabalhadora?

Os projetos societários que estão em disputa, nesse momento histórico, de uma maneira muito clara e objetiva, trazem os elementos que permitem compreendê-lo direcionado para o projeto hegemônico do projeto do capital. Este tem a sua centralidade na dimensão econômica e tem o mercado como sendo o elemento dinamizador, que faz com que essa dimensão econômica continue tendo essa centralidade em nossa sociedade. Sendo assim, tudo gira em torno do econômico, o importante é que a economia esteja forte; o que acontece com os seres humanos não importa muito; o que importa é que a economia esteja forte, essa é a lógica hegemônica da nossa sociedade e é interessante percebermos isso porque os aparelhos de criação da hegemonia e de criação de dependências psicossociais na sociedade funcionam nessa direção. Podemos citar como exemplo, a grande mídia, um dos elementos de conformação da sociedade que vai assumir que essa lógica é a lógica que interessa. Quem já ouviu, por exemplo, um desses grandes âncoras da televisão brasileira abrir o jornal dizendo assim, “o mercado está de bom humor”, ou ao contrário, “o mercado está de mau humor”, porque alguma autoridade, algum político disse alguma coisa que interessava ou não ao mercado; a economia. Observem o que é que tem aí nesse termo, o mercado que não é humano, não é uma entidade humana, mas, lhe é emprestado; lhe é conferido uma característica intrinsecamente humana, que é o humor... Bom humor e mau humor -características humanas que são atribuídas ao mercado. Isto termina sendo uma forma de humanizá-lo, torná-lo um ente com vontade e desejos... Por quê? Porque é necessário preservá-lo, porque ele é o que importa preservar, não são os seres humanos, o que interessa que esteja bem é a economia; porque é onde está a centralidade... Há muitos outros exemplos, mas acho que isso já dá pra se ter mais ou menos essa idéia. Então, prevalecem os interesses do capital, e nessa perspectiva, para que serve a educação? A educação serve para formar pessoas, formar indivíduos que se encaixem nessa engrenagem de maneira mais eficiente, mais eficaz possível, para quê? Para que possa aumentar a produtividade e dessa maneira, manter e ampliar essa centralidade da dimensão econômica em detrimento, muitas vezes, dos seres humanos. Assim, o ser humano torna-se um insumo de todo esse processo para garantir que essa centralidade

permaneça na dimensão econômica, que ela se amplie. A educação, nesse projeto, tem um papel fundamental, como tem também no outro. Nesse projeto, o papel da educação é formar exclusivamente para o mercado de trabalho. Mas, queria chamar a atenção aqui, para que, fazendo essa crítica da educação para o mercado de trabalho, não estamos querendo dizer que essa centralidade da dimensão econômica, não seja importante, até mesmo pela fala inicial, ela é fundamental. A questão é de centralidade, nós não estamos falando aqui em formar pessoas que não queiram e nem vão ter competência para se inserir no mercado de trabalho, não é isto, o que estamos enfatizando, o que se está colocando é que apenas privilegiando apenas uma questão do que é central para o mercado, dentro da dimensão econômica, deixamos de fora o que é central aos seres humanos. Não negamos que a dimensão econômica vinculada ao trabalho serve para a qualidade de vida dos seres humanos. Então, esses são os projetos que estão em disputa. Mas, é possível se pensar em outra sociedade, como já adiantado anteriormente, uma sociedade cuja centralidade seja a dimensão humana, a dos interesses do trabalho e da classe trabalhadora frente ao capital. Então, a disputa, é uma disputa entre capital e trabalho tão bem colocada pelos estudos de Marx e Engels e Gramsci e também por outros autores, que estão presentes à crítica do desenvolvimento capitalista, apesar do discurso neoliberal se sobrepôr, se colocar adiante, pelo menos inicialmente, de forma hegemônica. Nesse momento, já se percebe que a sociedade neoliberal também está em crise. Mas, lá pelos anos 1990 era o discurso único, inclusive, do fim da história, de Fukuyama, que a história tinha acabado, que agora cabia a cada um se encaixar o melhor possível dentro dessa lógica; que não havia mais para onde a sociedade progredir e buscar outra forma de sociabilidade. A história negada por Fukuyama mostrou que ele estava redondamente errado; a história não acabou, e por uma feliz coincidência da humanidade (o que eu vou dizer agora não é nenhuma referência defendendo o que aconteceu), mas, do ponto de vista histórico, e do ponto de vista de negar o fim da história, logo em 2001, aconteceu a derrubada das torres gêmeas nos Estados Unidos, o que é grotesco, mas, foi um elemento que do ponto de vista científico, histórico - foi muito importante porque a história da humanidade está sendo fortemente influenciada por tudo aquilo, percebem? Vimos que a história não acabou e que está cada vez mais próxima de nós, presente e constante e de uma maneira muito forte, pois a crise que emergiu mostrou que ela não nasceu ali, em 2001 nos Estados Unidos. Ela foi construída histórica, social e economicamente ao longo dos últimos anos, das últimas décadas, mas explodiu ali em 2001. Ela está mudando também a história da humanidade. Nós continuamos em

construção... Portanto, se nós nos construirmos enquanto espécie humana em uma sociedade na qual a hegemonia está nessa dimensão econômica, nós seres humanos podemos ser capazes de reconstruir essa história dentro de outra perspectiva de humanidade. Essa outra perspectiva contra-hegemônica tem um papel para a educação que é extremamente importante, tal qual na outra, mas diametralmente oposto. Nessa nova forma, a educação ao invés de ser apenas a formação para a iniciação no mercado, para manter essa economia forte, teria a perspectiva de formar sujeitos competentes tecnicamente, disso não se pode abrir mão, porque se o sujeito não for competente tecnicamente, ele não se insere no mundo da vida e do trabalho, e como nós vivemos nessa sociedade que é capitalista e contraditória, ele precisa vender sua força de trabalho e só vai vender se tiver essa competência técnica, mas precisa ir além disso. Esse é o grande desafio; o ir além dessa competência técnica necessária ao ingresso no mundo do trabalho; mas, também apropriar-se dessa competência técnica, e ao mesmo tempo, ter a capacidade de ser crítico nessa sociedade na qual ele está inserido buscando a emancipação social. Talvez esse seja o grande desafio da educação profissional e da relação entre trabalho e educação no Brasil contemporâneo.

2 - REVISTA *Inter-legere*: Então, o que seria e como poderia ser uma educação que fosse além dessa competência técnica sobre a qual falou no final de sua resposta anterior?

D.H.M.: Marx compreende que o conteúdo da educação emancipatória da classe trabalhadora é basicamente centrado em três pontos: a educação intelectual, a educação física e a inclusão tecnológica. Eu falo literalmente de um trecho de Marx e sei que inicialmente isso pode provocar algum estranhamento, mas eu fiz questão de transcrever literalmente Marx. Mas, afirmamos que só podemos ler Marx quando ele próprio coloca em toda a sua obra à luz da realidade concreta por ele vivenciada. Então, isso Marx escreveu à luz da realidade concreta vivenciada por ele naquele momento, quando nós nesse momento histórico falamos em educação física, temos que trazer para a realidade da escola hoje, o que significa a importância da educação física, hoje? Para nós é compreender a corporeidade, ter cuidados com o corpo, com outros elementos vinculados a este, mas que cabem perfeitamente na realidade de hoje, o nome instrução também pode causar certa estranheza. Por instrução tecnológica entendemos educação tecnológica, educação politécnica que permite ser melhor transcrito dentro da perspectiva

de formalização do processo educativo. De todo modo, é importante colocarmos essas três dimensões: a dimensão intelectual, a dimensão física e a dimensão tecnológica, dos processos científicos, tecnológicos, pois nesses então as bases de toda a produção moderna. Gramsci coloca a questão da escola unitária e, às vezes, quando se lê Gramsci e se lê Marx pode-se ser levado à ideia de que eles estão falando de coisas muito diferentes, mas na verdade não estão. É importante ressaltar que os autores que se aprofundam mais nos estudos de Gramsci, consideram-no sem a menor sombra de dúvida que ele é um autor marxista. Entretanto, é preciso verificar que, um dos principais autores que escreveu sobre Gramsci (e que faleceu a pouco tempo foi Mário Manacorda), e ele coloca isso claramente, mas pontua porque é que na obra de Gramsci não aparece tantas vezes explicitamente Marx. Para este é porque Gramsci escreveu a maior parte da sua obra na cadeia, portanto, Gramsci não estava com acesso aos livros de Marx. Ele escreveu das leituras que ele tinha, das lembranças, ele nem podia ter os livros, e assim, não poderia ficar citando Marx direto, porque tudo que ele escrevia era censurado, mas ele é, era um autor marxiano e aí, quando ele fala da escola unitária é aquela que tem uma relação de competência muito grande com o que Marx chama de formação omnilateral. Muito bem, mas o que eu quero chamar a atenção aqui nessa fala de Gramsci é quando ele se refere à última etapa da escola unitária, que seria para nós o ensino médio, que para ele é uma fase decisiva na qual se tende a criar e sedimentar os valores sociais e humanos. Com isso ele ressaltava a questão da cultura, da ciência, das letras que é o que Marx fala na dimensão intelectual, então, estão muito próximos, há uma vinculação intelectual, porque aí ele está fazendo a defesa da não profissionalização, na última etapa da educação básica que é o ensino médio e eu vou refletir um pouco sobre isso, da mesma maneira que Marx também defende em toda sua obra, que é a omnilateralidade da formação na educação básica cidadã o que é mais relevante. Este vai negar a profissionalização ainda na educação básica porque essa levaria a uma unilateralidade, em detrimento da omnilateralidade. Assim, tanto um como o outro ao falarem sobre isso, estão se referindo a uma sociedade futura e não à sociedade na qual eles viveram. Estão colocando que a educação da classe trabalhadora e a educação de toda a sociedade em geral, mas, em especial, da classe trabalhadora, na perspectiva da classe trabalhadora se tornar classe dominante, onde a classe trabalhadora assumiria o controle político, a educação da classe trabalhadora tinha que ser nessa perspectiva da politecnia, da omnilateralidade e não da profissionalização ainda nessa fase de formação da educação básica. Tanto um quanto o outro defendem claramente, mas tanto um

quanto o outro em suas obras, deixam claro que isso não vai acontecer assim, de um momento para outro; existe uma travessia nesse processo e essa travessia se dá a partir da obra de Marx e Engels e Gramsci. Na nossa sociedade brasileira atual, que é uma sociedade capitalista, como era a Inglaterra como era a Itália onde vivia Gramsci e que continua sendo, nós não tivemos experiência ainda, com essa outra sociedade, que é aquela na qual a classe trabalhadora tenha assumido o poder político. Portanto, para chegar lá é necessária uma travessia, e a síntese que fazemos hoje na produção acadêmico-científica, é um esforço prático também. A rede federal é um desses palcos, que poderia garantir essa base unitária proposta pela politecnia, formação humana integral, omnilateral, mas, todas as condições materiais concretas da sociedade brasileira exigem que grande parte dos nossos jovens comecem a trabalhar muito cedo, não se pode abrir mão disto. Desse modo, para que se tenha essa perspectiva na sociedade brasileira hoje, era preciso garantir essa base unitária, mas associada a ela, a formação profissional. Então, qual é o conteúdo dessa formação humana integral? É ter trabalho, tecnologia, ciência e cultura nas dimensões sociais da formação humana, aí incorporados aqueles elementos, tanto de Marx, quanto de Gramsci. A questão da dimensão intelectual, da dimensão tecnológica, da dimensão intelectual; é importante compreender, e é importante também dizer que quando se fala de ciência, por exemplo, está se falando de ciência, e é necessário compreendê-la de uma maneira não distorcida, para não ser erroneamente naturalizada; de uma forma nada unitária, pois na visão que é tratada na maioria das escolas fala-se das ciências da natureza (química, física, biologia, matemática), e esquece-se que as ciências humanas e sociais são também ciência e isto já é uma visão que se reflete, diretamente nos nossos currículos.

3 - REVISTA *Inter-legere*: Professor Dante apenas para esclarecimentos: como são organizados os currículos escolares no Brasil, de uma forma geral, levando em conta a visão que se tem de ciência?

D.H.M.: Como é que são organizados os nossos currículos em geral? Há algumas disciplinas que são naturalizadas como sendo mais importantes. Portanto, na hora que estão hierarquizadas as ciências, as ciências da natureza em direção às outras ciências. As ciências da natureza valem mais. Isto porque, o projeto hegemônico, a hegemonia do modelo de sociedade que foi construído, é um modelo baseado, fundamentalmente nos avanços científicos tecnológicos e esses avanços são das ciências da natureza e é delas

o maior suporte, não podemos negar isto. Essas ciências e esses avanços científicos tecnológicos são alguns de interesses humanos, mas há também os interesses do capital. Sendo assim, essa educação para além da competência técnica não é apenas uma questão de nós enquanto indivíduos, mas é a lógica hegemônica que é essa, porque é a lógica da produção científica tecnológica que vem desde a revolução industrial, fundamentalmente pelas ciências da natureza e pela matemática. Por essa razão essa preferência e preponderância nos currículos. Essa lógica é submetida à lógica da economia, a lógica da dimensão econômica e do interesse do mercado. Então, esse conhecimento é mais facilmente transformável em mercadoria, fruto do conhecimento dessa lógica que tem a centralidade na dimensão econômica. Assim, ela é a que vale mais e é exatamente essa forma, como ciência e tecnologia que evoluem, posto que é submetida a essa lógica do mercado, que foi cada vez mais valorizando a instrumentalidade da ciência e da tecnologia, desprezando os conhecimentos das ciências humanas e sociais, da ética e da filosofia. Isto fez com que o nosso rumo de progresso científico e tecnológico da sociedade, tomasse uma direção que despreza as questões ético-políticas e a centralidade no humano. E essa centralidade passou a ser da economia, isso não foi construído por acaso. Então, é exatamente a partir da filosofia, da sociologia, da história, da geografia e de outras ciências humanas e sociais que podemos refletir e questionar qual é o projeto de sociedade que queremos? Que ciência queremos produzir com o currículo que organizamos? Produzimos ciência e tecnologia, para produzir um novo modelo de celular a cada dia para que eu possa vender todos os dias mais, ou posso pensar, por exemplo, numa tecnologia voltada para acabar com a fome no mundo. Conhecimento e alimento produzidos na sociedade para acabar com a fome já tem, o que não tem é mecanismos de distribuição, mas não tem porque falta o conhecimento para fazer isso? Não! A decisão é ético-política para fazê-lo; se não existe é porque a lógica hegemônica não permite, não é para fazer, é necessário fazer coisas que se venda a cada dia e que se acabe logo que é para ter que se comprar outro - a lógica é essa. Existe um estudo na indústria que se chama (observações programadas) esse é contraditório, porque o discurso é o discurso da qualidade, mas, a qualidade nesse caso, consiste em você ter um tempo de duração previsto, para que você possa ter aquele produto e depois ter que comprar outro. Porque você tem que intensificar as relações de troca, então, quando colocamos essa perspectiva, para fazer o currículo a centralidade não é para os sujeitos da aprendizagem, mas de dar um jeito de introduzir esse conhecimento sobre os produtos. Para nos posicionarmos contrários a isso não

podemos hierarquizar as disciplinas, não podemos selecionar apenas as disciplinas que dão suporte a esse modelo de desenvolvimento de ciência e tecnologia pelas ciências naturais e a matemática, mas nos voltarmos para o direcionamento que é dado a elas. Precisa refletir sobre elas a partir das bases das ciências humanas, tendo a dimensão humana em sua centralidade. Então, nessa perspectiva, a pergunta na hora em que vamos pensar no currículo não é que competências o mercado exige para determinado campo de trabalho? Nós não podemos partir dessa pergunta, embora, isso tenha que ser considerado. A pergunta de partida que nós propomos, é que conhecimentos são integrantes de uma formação omnilateral para formar sujeitos competentes tecnicamente, críticos ao ponto de serem emancipados? Então, este é o desafio que está posto diante dos novos currículos e das competências necessárias para a empregabilidade? Assim, os currículos ou conhecimentos englobantes da formação na perspectiva da formação humana integral dos sujeitos seriam compostos pelos conhecimentos necessários para a inserção, observando quais os princípios fundamentais da formação humana integral, trazendo especificamente, a questão do trabalho como princípio educativo agregado à ciência, a tecnologia a cultura...

4 - Revista *Inter-legere*: No sentido em que o senhor vem discutindo trabalho e educação nos foi possível formular que o senhor defende o trabalho como um princípio educativo. O senhor poderia esclarecer melhor essa formulação?

D.H.M.: Bem, é preciso compreender o trabalho como princípio educativo em duas dimensões: a dimensão ontológica, que permite compreender que a relação entre ser humano e natureza é uma relação de primeira ordem, é por meio do trabalho em suas relações com a natureza, que o homem produz conhecimentos, interferindo sobre a natureza. Nessa intervenção ele produz conhecimentos voltados para garantir a vida coletiva e sua própria vida. Então, desde os primórdios quando os seres humanos deixaram de ser nômades e passaram a ser sedentários ficavam lá numa determinada região geográfica, colhiam os frutos daquela região, quando os frutos acabavam, quando o clima alterava-se eles iam para outro lugar. Em um determinado momento começaram a perceber que poderiam interferir nessa natureza, e aí com as suas primeiras ferramentas rudimentares, na relação direta com a natureza, para produzir a ferramenta e os conhecimentos, com essa ferramenta eles transformam também a sociedade, e a natureza. Assim, passa a cultivar a terra, e gradativamente, vão deixando de ser nômades

e passam a ser sedentários, o que é que está na origem disso aí? A ação direta ser humano-natureza, e essa relação produziu conhecimentos voltados para melhorar as condições existenciais. Essa é a dimensão ontológica do trabalho e ao longo da nossa história ela foi acontecendo assim. Então, o homem, o ser humano tem uma relação direta com a natureza, ele interfere na natureza, produz conhecimento, produz ideias, interfere, desenvolve tecnologia, técnica. Dessa forma, foram criados vários conhecimentos por meio da relação direta do ser humano com a natureza, considerando, a dimensão ontológica do trabalho. Dimensão geralmente desconhecida, mas, que é fundamental que isso esteja presente no currículo, pois foi ao longo da história que o trabalho humano se desenvolveu de várias maneiras distintas: o trabalho primitivo, o trabalho servil, o trabalho da produção capitalista... Então, o trabalho ao mesmo tempo em que é esse reino da liberdade, do ser humano individual e coletivamente atuar sobre a natureza e produzir conhecimentos é voltado para a melhoria das condições de vida, ao mesmo tempo ele pode ser algo degradante, como o trabalho escravo e o trabalho, bem como o trabalho assalariado em determinadas condições também. Nesse sentido, a origem do trabalho, com suas contradições é um conhecimento muito importante para que nossos estudantes compreendam também, a formação humana integral para que entenda suas dimensões para que possam também verificar que o trabalho pode ser dignificante como reino da liberdade; liberdade de produzir, liberdade de se relacionar, liberdade que venha a trazer melhoria para a vida coletiva, e ao mesmo tempo, algo que possa ser degradante. Trabalho que sob a lógica do capital termina sendo confundido com emprego. Há uma confusão entre trabalho e emprego, e agora a sociedade através do avanço científico-tecnológico pode diminuir a necessidade do trabalho degradante, do esforço físico. Portanto, um maior tempo de fruição, não aconteceu nada disso, o que aconteceu foi à intensificação das relações de exploração, o avanço científico - tecnológico diminuindo o trabalho físico, mas, esse tempo sobrando, não é um tempo que a classe trabalhadora tem para sua fruição, ao contrário, é um tempo ou desemprego e pode ser também degradante ou em muitos casos, um tempo de intensificação do trabalho humano. Então, o trabalho como princípio educativo não pode ser confundido com princípio pedagógico, que também é importante para o aprender fazendo, ou do fazer aprendendo, esse é o princípio pedagógico do trabalho, aprender fazendo e fazer aprendendo. O princípio educativo não é esse, o princípio educativo é a compreensão de que o trabalho é um direito de todos, mas é também um dever de todos, que a vida coletiva implica no trabalho como um direito de cada cidadão, mas ao mesmo tempo é um dever de todos. Então,

como é que o trabalho é um direito de todos e um dever também de todos e você tem a grande maioria da sociedade alijada do direito do trabalho e outra que trabalha? Que o fruto do seu trabalho existe exatamente para o enriquecimento de outros, que não são trabalhadores, que são os donos dos meios de produção, que são os donos do capital. Então, isso é importante de ser compreendido. Essa é a essência do que significa trabalho como princípio educativo. Esses outros princípios, que são também princípios fundamentais.

5 Revista *Inter-legere*: As políticas de formação de professores tem se preocupado diretamente com os profissionais que atuam na educação profissional, principalmente, no denominado ensino médio integrado, quais sejam: os não graduados, os bacharéis e os licenciados. Como o senhor tem observado essa questão?

Os não graduados, a maior esfera deles está na esfera privada. Então, a esfera privada une as piores situações, dessa relação mais dura do projeto educacional daquelas escolas, que, não é que a maioria dos profissionais que trabalham na iniciativa privada, na educação profissional não sejam graduados, mas a maior incidência de não graduados está lá. São instrutores, considerados instrutores, cujo papel é transmitir de maneira eficiente e eficaz, conteúdos voltados à formação de competências para a empregabilidade e para o empreendedorismo, essa é a lógica estruturante de formar para o mercado como falamos anteriormente. Não tem conhecimentos científicos aprofundados sobre o campo de atuação, por não serem graduados naquela área; não têm formação acadêmica para a docência, e portanto, do ponto de vista científico, não conhecem o campo da educação de uma maneira geral, nem da educação profissional, e tão pouco, da educação de jovens e adultos. Exatamente, ao não serem formados, não serem professores, não tem conhecimentos sobre os fundamentos sociais, históricos, filosóficos e políticos da educação. Assim como, da didática e da psicologia da educação; sendo assim, qual é a perspectiva da formação da classe trabalhadora, a dimensão intelectual, a dimensão tecnológica? Esses profissionais não graduados que atuam na educação, eles próprios têm lacunas nessa dimensão intelectual, na dimensão tecnológica, na dimensão ético-política. Então, como eles podem atuar nessa perspectiva de formação humana integral, formando pessoas nessa perspectiva? Praticamente inviabiliza a formação na direção que desejamos.

Já os bacharéis ou graduados em cursos superiores de tecnologia, mas não licenciados, em geral tem maior concentração nas disciplinas chamadas de formação profissional específica, embora nas redes estaduais quase não tenhamos bacharéis que

trabalham nas disciplinas de formação geral, nós temos muita gente formada em química, física, biologia, em bacharelado, trabalhando nessas disciplinas no ensino médio. Mas aqui, me refiro principalmente aos bacharéis que atuam nas disciplinas específicas da formação profissional. Por essa característica, eles não têm formação na docência, por esse ponto de vista científico, não conhecem o campo da educação de uma maneira geral, nem da educação profissional, nem da educação de jovens e adultos, digo do ponto de vista científico, a partir do conhecimento sistematizado. É claro, se alguém é bacharel, atua na rede a bastante tempo, ele vai se aproximando desses conhecimentos desse campo, mas não na forma do conhecimento e do saber sistematizado, do saber muito mais experiencial, que é importante, mas que não cobre completamente o campo de conhecimento necessário à educação profissional. Tem o conhecimento técnico em nível superior, isso é algo importante, mas tem dificuldade pra transpor para o nível técnico, é claro! Digo isto por experiência própria, sou engenheiro, e entrei para dar aulas no curso de eletrotécnica e aí não havia material didático, e ali vi a importância do que é a produção do material didático específico para esse campo, para o campo do ensino médio integrado para os adolescentes em todas as disciplinas, tanto das disciplinas de formação geral, quanto da educação profissional, porque não é fácil fazer essas transposições. E como fazer essas transposições, sem ter uma formação que discuta isso? Outro ponto é que a maioria dos docentes não tiveram acesso aos estudos da relação trabalho e educação, capital e trabalho. Nossos bacharelados, as engenharias, em qualquer área, da saúde, da área de direito, cooperativismo, agronomia, não fazem essa discussão sobre as questões das relações entre trabalho e educação. Em geral, compreendem o seu papel, apenas como o de transmitir conteúdos específicos de sua disciplina ou se assume mais como bacharel de sua respectiva área, do que como professor. Quando conversamos com alguém que é professor da área da educação profissional, sendo bacharel, vamos fazer uma reflexão, que ninguém diga, qual é a sua profissão? Quem é que responde professor? Ou, quem é que responde engenheiro? Eu já passei por essa fase de dizer que era engenheiro, a muito tempo atrás. Faz muito tempo que em todo cadastro, eu informo sou professor! Mas não é todo mundo que diz isso não! Todos nós sabemos disso, pois não é todo mundo que diz ser professor! Assumimo-nos pela graduação e não pela função que ocupamos, daí porque dizemos: engenheiro, médico, advogado..., sendo professor.

Bem, isso, evidentemente dificulta a atuação nessa direção, os licenciados para a educação básica já tem um elemento mais favorável, embora também tenham

dificuldades. Ao serem formados como docentes têm maior aproximação dos fundamentos sociais, históricos, filosóficos e políticos da educação, assim como com a didática e a psicologia da educação, isso é inquestionável e isso é muito importante. Entretanto, os nossos cursos de licenciatura não discutem a problemática das relações entre trabalho e educação e nem o campo da educação profissional? E esse é um impasse que nós dos Institutos Federais, temos que assumir e avançar muito! Nós temos nas nossas licenciaturas que fazer uma formação docente que em alguma medida, discuta em profundidade o campo da educação profissional, para podermos habilitar um professor de matemática, de química, de física ou de qualquer outra disciplina da educação básica, para atuar no ensino médio integrado, conhecendo o campo, se ele for atuar no PROEJA que ele conheça aquele campo e isso não só entre aspas, para o consumo da rede, mas isso como uma maneira de se viabilizar a consolidação da educação profissional nas redes estaduais. Porque o grande problema das redes estaduais no campo da educação profissional é não ter quadro de professores para o campo da educação profissional. Nós podemos dar essa contribuição, penso.

Obrigado!